

Índice

<i>Os anos da meia-idade, ...</i>	9
A Senhora Guse	14
O Senhor Paulke	20
A Senhora Blumeier	24
O Senhor Pietsch	28
A Russa	34
A Senhora Frenzel	38
O Senhor Hübner	42
Erwin Fritzsche, Novo Cliente	48
As Nolls, Mãe e Filha	53
Fritz	61
Excursão de Empresa	65
A Senhora Janusch	76
Peggy e Mirko Engelmann	82
As Filhas Púberes de Escritoras	87
Gerlinde Bonkat	91
O Casal Huth	104
<i>Já ficaram para trás aqueles anos nebulosos? ...</i>	109
Notas de Tradução	117

Os anos da meia-idade, em que já não és nova e ainda não és velha, são nebulosos. Já não avistas a margem de que partiste, e ainda não distingues com suficiente nitidez a margem para a qual te diriges. Nesses anos, esperneias no meio do grande lago, ficas sem fôlego, perdes as forças devido à repetição dos movimentos que fazes a nadar. Desesperada, paras e rodas em torno de ti mesma, uma volta, depois outra e outra ainda. Surge o medo de ires ao fundo a meio do caminho, sem tom nem som.

Tinha quarenta e quatro anos quando cheguei ao meio do grande lago. A minha vida tornara-se insípida — a filha capaz de voar, o marido doente, a escrita, à qual até então dedicara o meu tempo, mais do que duvidosa. Carregava qualquer coisa amarga que tornava perfeita a invisibilidade que afeta as mulheres com mais de quarenta anos. Não queria que me vissem. Mas também não queria ver uma saturação de cabeças, de rostos e de conselhos bem-intencionados. Mergulhei.

Em dois de março de 2015, poucos dias depois do meu quadragésimo quinto aniversário, enfiei roupa, sapatos e um lençol numa grande bolsa e dirigi-me de Friedrichshain a Charlottenburg. Quando saí da estação do S-Bahn, o comboio urbano, tive receio de encontrar a agente literária, que tinha o escritório nas imediações e que, nos últimos tempos, só me tinha transmitido recusas — o meu romance tinha sido rejeitado por vinte editoras. Fiz uns desvios e dobrei esquinas furtivamente; tinha chegado demasiado cedo. Quando

cheguei à porta número 6, havia mulheres à entrada, também com grandes bolsas ou com maletas com rodas, mulheres como eu, que já não eram jovens nem esbeltas. Hesitante, perguntei se aquela era a morada certa. Responderam-me com acenos afirmativos. Trocámos esboços de sorrisos. Sim, ousar mais uma vez fazer algo de novo, quem sabe se seria o mais correto. Fumei um cigarro com uma empregada de consultório acabrunhada, de Spandau. Depois chegou a hora de entrar no prédio. O elevador só transportava duas pessoas. Subimos todas as escadas a pé, um piso após outro. O grupo de mulheres, ofegante sob o peso das bagagens, chegou em silêncio à mansarda. À entrada aguardava-nos uma mulher alta e seca, vestida de branco.

«Gitta», apresentou-se sem sorrir, estendendo a mão descarnada a cada uma de nós. «Mudem de roupa e estendam os lençóis sobre as cadeiras, cobrindo também os apoios para os braços.»

Comprimimo-nos no canto do vestiário; tirámos as nossas coisas, tendo o cuidado de não ocupar muito espaço, envergonhadas dos nossos corpos envelhecidos pelos anos enquanto despíamos as calças escuras e vestíamos as brancas. Cobrimos as cadeiras com os lençóis e formámos uma fila desajeitada. Não queríamos cometer erros. Éramos alunas. Tínhamo-nos inscrito no curso de Pedicura A, numa escola profissional de cuidados de saúde e cosmetologia que se intitulava pomposamente de academia. Gitta era a nossa professora.

Cometíamos muitos erros. Esquecíamos-nos de analisar os pés, de estender a toalha de mãos no colo, de colocar a almofada na parte posterior dos joelhos. Confundíamos dedos em garra com dedos em martelo, alicates de cutículas com alicates de cantos, solução desinfetante com álcool. Negligenciávamos as regras de higiene. Desperdiçávamos o amaciador de cutículas, utilizávamos o bisturi incorretamente, não conseguíamos colocar a lâmina no removedor de calos. Éramos demasiado cuidadosas, demasiado brutais, demasiado minuciosas, demasiado superficiais, demasiado lentas, demasiado rápidas. Feríamos-nos umas às outras. Às vezes havia uma que sangrava e era preciso tratá-la. Perdoávamos tudo umas às outras. Quando não conseguíamos responder às perguntas de Gitta, titubeávamos como aselhas, como trapalhonas, como idiotas. A sua voz aguda punha-nos a nuca rígida.

Nos intervalos, descíamos as escadas, ficávamos diante da porta da casa com o número 6, a comer as nossas sanduíches e a fumar.

Havia uma russa loira que vestia uma camisola de malha entretecida com fio dourado e que tinha a roupa de trabalho mais bonita de todas, uma túnica cintada com botões decorativos dispostos em diagonal. Tinha as pestanas pintadas com rímel preto e curvadas para cima e usava lentes de contacto que lhe punham um brilho cintilante nos olhos azuis. Estava ali para recuperar do bando de adolescentes que lhe comia couro e cabelo em casa, e talvez também por causa dos seus próprios pés maltratados. Passara três gravidezes com sapatos de salto alto.

A pequena Dralle era da Geórgia, mas há muito que vivia numa cidadezinha das Erzgebirge. De manhã, passava três horas no comboio até chegar a Berlim, e ao fim da tarde outras três horas no regresso. Mas tudo era preferível a ficar em casa, dizia ela, e, agora que o filho tinha quinze anos, ia separar-se do marido, natural das Erzgebirge. Uma vez disse-lhe que falava muito bem alemão, e ela respondeu-me que tinha trabalhado como tradutora. Em outra ocasião, mostrou-nos a língua, à qual faltava um pedaço:

«Já tive cancro na língua», explicou.

A empregada de consultório acabrunhada, de Spandau, trabalhava a tempo inteiro e tinha tirado uma licença para frequentar o curso. O seu filho de catorze anos sofria de uma doença rara e incurável, que lhe tolhia os movimentos à medida que os anos passavam e se tornava mais pesado. Em breve deixaria de poder transportá-lo, e os analgésicos para as costas já não faziam efeito. Daí a dois anos, o patrão ia reformar-se e, o mais tardar nessa altura, queria começar a trabalhar por conta própria. Ainda não decidira se iria abrir um consultório ou se praticaria a sua atividade em casa, para estar junto do filho.

Havia ainda os voluntários, na sua maioria pessoas mais velhas, que dispunham de três horas para terem principiantes inexperientes a tratarem-lhes gratuitamente dos pés. Vi as gotas de suor na testa da pequena Dralle, o cabelo sob a touca de proteção, os olhos atrás da viseira de plástico, a metade inferior do rosto entrincheirada atrás da máscara branca, como se fosse para a guerra. Vi o remove-dor de calos tremer na mão enluvada da empregada de consultório acabrunhada antes de ela cortar o calcanhar de uma voluntária,

deixando-o a sangrar. Vi os olhos azuis da russa loira a lacrimejarem devido ao cheiro de um fungo de unhas na fase três. Torcíamos e contraíamos-nos, sempre com o olhar cáustico de Gitta por cima do ombro, o seu dedo acerado no local ferido e a sua voz penetrante a entrar-nos nas orelhas, vermelhas de excitação.

Nenhuma de nós tinha ido ali parar diretamente, cada uma vinha de qualquer lado, onde ficara encalhada, sem conseguir avançar. Sabíamos o que era o fracasso. Tínhamo-nos tornado respeitadoras, humildes e acanhadas, dispostas a esquecer as nossas histórias passadas, a apagar o que tínhamos feito e a comportarmo-nos como folhas em branco. Tínhamos descido ao nível dos pés, junto dos quais, no entanto, voltávamos a fracassar. Gitta não fixava os nossos nomes. Iríamos partir, outras viriam, mulheres como nós, mães de meia-idade, esforçadas e corajosas, representantes anónimas de uma zona intermédia anónima, reduzidas a notas de rodapé da sua própria vida.

Em casa, decorei os nomes dos vinte e oito ossos do pé, a estrutura da unha, as deformações do pé e como ocorre uma trombose. Memorizei os materiais das cabeças de broca, os efeitos das substâncias à base de plantas, os tipos de cancro da pele, a diferença entre vírus, bactérias e fungos. As especificidades do pé diabético e a definição de fissuras, gretas e varizes. À noite, deitados na cama, enterrados debaixo de folhas de papel cheias de notas e de esboços de pés, o meu marido fazia-me perguntas para testar o que eu sabia.

O exame teórico teve lugar na mansarda do prédio com o número 6. Para o exame prático, foi uma médica à academia. Passámos todas, a russa loira à segunda tentativa. Sentimo-nos aliviadas e até orgulhosas. Gitta entregou-nos um certificado e apertou a mão a cada uma de nós. A sorrir. Tinha sido uma boa professora. Depois de um café perto da estação do S-Bahn de Charlottenburg, separámo-nos e espalhámo-nos aos quatro ventos com uma terna sensação de despedida. Não sei o que aconteceu às outras mulheres.

Quando te tornas invisível, podes fazer coisas terríveis, coisas maravilhosas, coisas absurdas. Ninguém te vê. A princípio não falei a ninguém do meu programa de reciclagem. Quando mais tarde o fiz, acenando, a rir, com o certificado, deparei-me com uma antipa-

tia, uma incompreensão e uma piedade difíceis de suportar. De escritora a pedicura era uma queda fulminante. E voltei a recordar-me de como me tinham irritado com as suas cabeças, as suas caras e os seus conselhos bem-intencionados.

Não podia deixar que me demovessem. Tinha duas mãos saudáveis, capazes de fazerem um trabalho útil. O começo não seria fácil, mas seria belo como qualquer começo.

Estás numa idade em que a juventude da tua filha ainda te faz lembrar a tua própria juventude e em que doença do teu marido já te transformou de amante em enfermeira. E, como voltas à superfície no meio do grande lago e continuas a nadar, podes ver muito, compreender muito e imaginar ainda mais. Estás numa idade em que, quando uma aventura começa, a ideia do seu final já se insinua furtivamente. Os anos da meia-idade, em que trabalhei como pedicura em Marzahn, iriam ser bons.